

**SOMOS BRUXAS**



**Warley Matias de Souza**

# **SOMOS BRUXAS**



---

Souza, Warley Matias de, 1974-  
Somos bruxas / Warley Matias de Souza. –  
1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2013.  
92 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-910742-3-5

1. Romance brasileiro. I. Título.

CDD-869.93

---

## SOMOS BRUXAS

*Copyright* © 2013 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Imagem de capa: *Gabriel Lavarini*

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer  
processo, sem autorização por escrito do autor.

Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

A todas as bruxas.



A Alessandro Couto, que estava comigo  
quando esta história começou.



# 1

Adormeceram ao som da voz doce de sua mãe. Era uma mulher linda, com olhos de um brilho incomum e lábios muito pálidos. Eram apaixonados por ela. O pai, com seu terno preto, o semblante sério, o único carinho que dava aos filhos era um leve passar de mãos sobre suas cabeças. Não podia ser carinhoso ao extremo; do contrário, os filhos não seriam homens, seriam uns maricas. Portanto, não concordava com os mimos oferecidos pela mãe, criaria filhos muito moles, homens fracos, cheios de ideias femininas da vida. Mas a mulher não o ouvia, continuava com aquelas histórias antes de dormir, incentivando os meninos a lerem livros que retratavam um mundo muito distante da realidade. Ele devia ser mais firme com ela; porém ela era uma mulher de opinião, uma mulher que não se calava, uma mulher voluntariosa. E era justamente isso que o prendia a ela, uma mulher de uma beleza rara, cheia de personalidade. Seus irmãos criticavam a sua tolerância; devia colocar a mulher em seu lugar. Devia dar-lhe uma surra. Mas Álvaro não ousaria levantar a mão para a esposa. Diante dela, ele mostrava-se um homem sensível, doce, compreensivo. Tinha ela um poder sobre ele que ninguém jamais tivera. De uma forma ou de outra, ela sempre tinha a palavra final. E naquele caso dos meninos, era ela quem decidia qual a melhor maneira de educá-los.

Ángela acreditava no amor e na arte. Não batia nos filhos. E não deixava o marido exercer a violência paterna.

Ela se considerava uma mulher de sorte. Seu marido era um homem magnífico, um homem como poucos. E seus três filhos eram criaturas adoráveis. É claro que ela protegia os meninos, evitava que as tristezas, que a dura realidade chegasse até eles. Tão ingênuos! Pareciam doces anjos ignorantes das mazelas humanas. Ainda não possuíam a tristeza cansada que invade o olhar adulto. Ah, como queria que nunca adquirissem essa marca cruel. Quando saíam às ruas, seus olhinhos ainda carregavam o brilho da curiosidade sem crítica. Tudo era novo, tudo era diferente, tudo era curioso, tudo provocava o riso. Até o mendigo maltrapilho, com sua boca murcha e podre, provocava suas risadas fáceis; não podiam imaginar que aquele mendigo fosse uma pessoa, com sentimentos e necessidades, por isso com dores e sofrimento. Nada existia além da própria realidade deles, uma realidade feliz, com limpeza, saúde, comida em abundância, pais dedicados, amor, carinho, sonhos.

Antonio Viegas era o filho mais velho, dez anos. Depois dele, o Néstor, nove anos, e o Pablo, oito anos. Três crianças amadas. Ángela queria ter mais, queria ter muitos filhos, como sua mãe, uma camponesa que tivera vinte e três filhos. Mas, inexplicavelmente, não conseguia mais engravidar.

Antonio Viegas era o seu filho predileto. Mãe ciente de seus deveres, jamais manifestava essa preferência, tentava escondê-la, nunca deixá-la transparecer. Mas o primeiro filho era a sua vida. Por ser mais velho, preparava-o para ser o protetor dos outros dois. Ele seria sempre o mais forte, o

mais destemido. A mãe tentava desenvolver nele um instinto de proteção aos dois irmãos mais jovens. Era assim que tinha de ser. E Antonio Viegas já sabia, aos dez anos, que ele devia ser o mais forte, o protetor. Nunca iria decepcionar a mãe. Quando estava a sós com os dois irmãos, tentava exercer a autoridade da mesma forma acolhedora e generosa que ela. Mas, vez ou outra, cometia alguns excessos; pois havia nele um tirano nato, que precisava ser domesticado e não estimulado. A tolerância ensinada pela mãe vivia em embate com a intolerância típica de seu caráter. Um conflito existente em sua alma infantil. E talvez esse conflito crescesse e o atormentasse durante toda a vida se a mãe não houvesse ido embora para sempre. Sem aquela figura tolerante a seu lado, a intolerância de seu caráter logo assumiria o controle.

A mãe foi uma das primeiras vítimas da peste que as bruxas espalharam sobre Madri. A peste matava em vinte e quatro horas. Nas primeiras seis horas, uma cegueira escurecia o mundo; depois, havia o sofrimento provocado pela progressiva falta de ar. Após a mãe, morreu o pai. O irmão mais novo morreu em seguida. Da família, somente Antonio Viegas e Néstor escaparam da peste. E a tristeza cansada passou a brilhar em seus olhos.

## 2

A peste dizimou toda a população de Madri, com exceção de alguns meninos, eleitos pelas bruxas. Antonio Viegas e seu irmão Néstor foram uns dos eleitos. Antonio Viegas, é